

Racionamentos e carestia de alimentos na Bahia durante a II Guerra Mundial

Luciano B. Meron¹

Resumo

Este trabalho tem por objetivo identificar e analisar os impactos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) sobre o abastecimento de gêneros alimentícios na Bahia no período. O abastecimento desses produtos sofreu com a campanha submarina das marinhas italiana e alemã nas águas do Atlântico. Para tanto, foram selecionadas como fontes jornais e revistas de grande circulação no Estado e no Brasil da época, buscando identificar notícias sobre aumento do custo de vida e dos alimentos, assim como as campanhas de racionamento e as mobilizações populares para tal.

Palavras-chave: II Guerra; Alimentos; Carestia; Racionamentos; Bahia

Resume

This study aims to identify and analyze the impact of World War II (1939-1945) on the supply of food in Bahia in the period. The supply of these products suffered from the submarine campaign of the Italian and German navies in the waters of the Atlantic. Therefore, it was selected as sources magazines and newspapers of great currency in the state and in Brazil at the time, seeking to identify news about rising cost of living and food, as well as rationing campaigns and popular mobilizations for it.

Key-words: World War II; Supply; Expensiveness; Rationing; Bahia

A Nova História Militar apresentou uma nova possibilidade de entendimento dos eventos históricos de caráter bélico, ou seja, essa nova abordagem historiográfica instrumentou novas análises para o entendimento das guerras. Elas deixaram de ser vistas apenas por seus aspectos militares ou como uma extensão da política por outros meios. Isto permitiu entender certos processos considerados secundários ou mesmo nunca abordados nos estudos militares. Neste sentido, justamente por ser um campo historiográfico novo, o diálogo com outras ciências e, especialmente, outras correntes da história é fundamental. Dentro desta abordagem, nos propomos a estudar um aspecto da II Guerra Mundial (1939-1945) pouco conhecido: seus impactos sobre o cotidiano alimentar dos baianos durante o período de beligerância.

A II Guerra Mundial foi um conflito muito bem documentado no que tange as principais campanhas, eventos políticos e desdobramentos econômicos e geopolíticos. Porém, muito dos seus impactos sociais e culturais ainda representam grandes lacunas para a historiografia, especialmente porque essas abordagens passaram a ser interrogações relativamente recentes, graças, inclusive, à Nova História Militar. Neste

¹ Luciano B. Meron é Licenciado e Mestre em História pela UFBA e Bacharel em Gastronomia pela mesma instituição.

âmbito de temas pouco conhecidos, encontramos os impactos da guerra na alimentação das populações das cidades brasileiras. Um conflito nas proporções do abordado gerou uma série de consequências para as populações civis não só dos países diretamente envolvidos nos campos de batalha, mas também daqueles que, mesmo não tendo sido envolvidos nos grandes esforços de guerra, acabaram por sofrer com ela. Este foi o caso de alguns países das Américas, especialmente do Brasil.

Assim, este trabalho visa lançar luz sobre os efeitos da II Guerra Mundial sobre o abastecimento de alimentos na Bahia, analisando questões como o aumento dos preços dos gêneros alimentícios, sua distribuição e as campanhas pelo racionamento. Isso vai de encontro à proposta de entender alguns dos aspectos sociais menos conhecidos dos efeitos da guerra, extrapolando temas mais tradicionais, como as tensões políticas no governo Vargas ou mesmo o envio de tropas brasileiras para lutar no *front* italiano.

O Brasil é envolvido pela guerra

A II Guerra Mundial (1939-1945) provocou impactos diretos e indiretos sobre amplos aspectos das sociedades, tanto nos países envolvidos nos combates quanto naqueles ditos periféricos. O Brasil manteve-se neutro no início do conflito, especialmente devido às suas relações comerciais próximas tanto com os países do Eixo (Alemanha, Itália, Japão) quanto com os Aliados (encabeçados pela Inglaterra e, especialmente, pelos EUA). O governo Vargas manteve uma “política pendular”, ou seja, mantinha relações diplomáticas e comerciais hora mais próximo do governo norte-americano, hora mais próximo do Eixo. Visava com isso não só ampliar o fluxo positivo de divisas, mas também a venda de armamentos, financiamentos para obras e apoio ao desenvolvimento industrial².

Neste contexto, o Brasil ocupava um papel de destaque para as nações que se preparavam para o conflito, já que se constituía num importante fornecedor de matérias primas e alimentos. Além disso, sua posição estratégica, com vasto litoral dominando o Atlântico sul era trajetória de variadas rotas do comércio marítimo mundial.

Justamente por estes fatores, o Brasil acabaria envolvido no conflito. Em 7 dezembro de 1941, o Japão atacou a base naval norte-americana em Pearl Harbor, no Havaí, levando os EUA a declararem guerra ao Eixo. Devido a acordos diplomáticos e

² SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil Vai à Guerra: O Processo de Envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Barueri: Manole, 2003.

por pressões populares, o Brasil romperia relações com os países do Eixo em janeiro de 1942, durante a III Conferência de Ministros das Relações Exteriores da América. Isso trouxe consequências diretas para o Brasil. Os *U-Boote*, os submarinos alemães, receberiam ordens do governo nazista para estender sua campanha contra os navios brasileiros, mesmo o Brasil não tendo declarado guerra ao Eixo. O objetivo era estrangular o fornecimento de matérias primas brasileiras essenciais para o esforço de guerra dos EUA. No ano de 1942, especialmente no segundo semestre, quinze navios cargueiros e de passageiros brasileiros ou que navegavam em águas territoriais nacionais foram torpedeados. Apenas em agosto de 1942, cinco navios seriam afundados pelo mesmo submarino, U-507, entre o litoral da Bahia e Sergipe. Quase mil e cem pessoas seriam mortas nestes ataques aos navios brasileiros, provocando terror na navegação de cabotagem³.

Até a primeira metade do século XX, a navegação de cabotagem constituía-se no principal meio de comunicação de longa distância entre cidades do litoral brasileiro, além disso, havia carreiras transatlânticas regulares, ligando o Brasil aos países americanos, europeus e africanos. Cargas e pessoas eram deslocadas por navios de várias companhias nacionais e estrangeiras, com destaque para Lloyd Brasileiro, fundado ainda no final do período imperial⁴. A navegação marítima e fluvial era tão importante que companhias menores e até mesmo o transporte artesanal era utilizados no comércio entre metrópoles.

Assim, os efeitos dos torpedeamentos foram além dos mortos, feridos e dos navios e bens perdidos. Eles afetaram a rede de distribuição de bens e pessoas, encarecendo e retardando o fluxo da circulação de ambos.

Houve um instante decisivo, na batalha pelas rotas do Atlântico: quando os submarinos alemães cruzavam o litoral brasileiro em todas as direções e ameaçavam não apenas o abastecimento de grandes centros de população, mas o tráfego marítimo entre as nações americanas. O Brasil se tornara, de repente, um arquipélago. O Sul pedia açúcar ao Norte. O Norte queria xarque (sic) do Sul. Os produtos nortistas fugiam dos mercados sulistas. Os gêneros sulistas eram preciosidade nas mesas nortistas. Estados mais ou menos próximos sentiam falta de matérias primas ou subprodutos de uns e de outros.⁵

³ O total de embarcações afundadas seria de 34, sendo a primeira atacada em 22/03/1941, ou seja, antes mesmo da ruptura de relações com os países do Eixo. Já o último navio a ser afundado foi o navio-transporte *Vital de Oliveira*, o único da Marinha do Brasil a vir a ser posto a pique por um ataque. SEITENFUS. Op. Cit.

⁴ <http://naviosenavegadores.blogspot.com.br/2008/01/lloyd-brasileiro-2-parte-1945-1970.html>

⁵ Revista O Cruzeiro, Ano XVI, Nº 10, 01 de janeiro de 1944, p. 17. Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB), Seção de Periódicos Raros.

Os torpedeamentos aceleraram a aproximação do Brasil em relação aos aliados. Isto foi outro fator que teve influência sobre a produção e distribuição de alimentos. Carnes, café, açúcar e cacau foram alguns dos alimentos que passaram a ser fornecido aos aliados — além de outras matérias primas estratégicas como cristais e látex. O aumento do contingente das Forças Armadas brasileiras⁶, a partir do estado de beligerância, também criou uma demanda maior por alimentos, embora que, os impactos desse processo ainda não sejam claros sobre o preço dos mesmos.

O “clima da guerra” se instalou na Bahia no ano de 1942, extrapolando as discussões nos cafés e bares. Até aquele ano, a guerra chegava pela *Rádio Sociedade da Bahia*, que retransmitia programas ingleses sobre a *Real Air Force* (RAF), por jornais, como o *Imparcial* e *A Tarde*, além de revistas como *O Cruzeiro* e *A cigarra*. Porém, com os afundamentos dos navios brasileiros em regiões do Atlântico e, especialmente, na costa nacional a percepção sobre a guerra mudou, tornando-se mais próxima, perigosa e danosa. Outro acontecimento que contribuiu nesta mudança de visão foi a espionagem de agentes do Eixo em território nacional. Estes passavam informações sobre o esforço de guerra, mobilização de tropas e deslocamento de cargas estratégicas e, especialmente, a movimentação de navios. Surgiu uma atmosfera de medo e desconfiança, direcionada primariamente contra os estrangeiros de origem alemã, italiana e japonesa⁷. O inimigo poderia estar ao lado e isso era propagandeado pelo governo. Desconfiar era uma arma em defesa da pátria.

Esses acontecimentos foram uma crescente no engajamento de setores da sociedade baiana no que ficou conhecido como “esforço de guerra”. Especialmente os estudantes e os profissionais liberais formaram associações cívicas pró-aliados e participaram ativamente de ações públicas, como comícios e campanhas em prol da conscientização da população em relação aos perigos dos nazifascistas e dos “quintas colunas”⁸.

⁶ Para mais detalhes sobre a ampliação dos quadros das forças armadas no governo Vargas ver: MACCANN, Frank. *Soldados da pátria: História do Exército Brasileiro (1889 – 1937)*. São Paulo: Cia das Letras, 2007, e sobre a utilização dos serviços militar como um meio de difusão do civismo e da nacionalização de estrangeiros ver: HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha: Uma Biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

⁷ Os imigrantes dessas nações foram obrigados pelo governo federal a se mudarem para cidades do interior, longe das regiões litorâneas que pudessem ser pontos de observação e fornecimento de informações. Na Bahia, uma das cidades para onde foram deslocados cidadãos “do Eixo” foi Maracás. Para mais informações sobre este fato ver: SILVA, Marina Helena Chaves. *Vivendo com o outro: os alemães na Bahia no período da II Guerra Mundial*. UFBA, 2007 (tese de Doutorado).

⁸ Esta expressão era uma referência a elementos presentes numa sociedade que fornecessem auxílio às forças inimigas. Ela nasceu com a ação dos aliados do general Francisco Franco, que formaram uma quinta coluna de tropas, que, de dentro de Madri apoiariam o golpista e suas quatro colunas que cercavam a capital espanhola durante a guerra civil (1936-1939) deste país.

O governo federal teve, então, que promover ações para lidar com as dificuldades no abastecimento de produtos, tanto no âmbito do comércio marítimo, quanto no consumo nas cidades, especialmente. A guerra traria, a partir do início da década de 1940, dificuldades concretas, em maior ou menor grau, para os cidadãos brasileiros, em especial das grandes metrópoles.

Dificuldades de ligação e as alternativas para o comércio

A guerra comprometeu as linhas tradicionais de comércio internacional, que traziam para o Brasil variados produtos industrializados e dava escoamento aos nossos, manufaturados e matérias primas. Isso levou o governo Vargas a acelerar o processo de organização da indústria nacional e na formação de uma burocracia estatal voltada para uma maior autonomia econômica — ações que já vinham em curso desde o Governo Provisório (1930-1934). Os ataques do U-Boote intensificariam essas ações.

Quando a guerra atingiu as nossas costas e nos impôs, no campo da navegação mercante um esforço redobrado, as importações estrangeiras sofreram uma redução considerável, quando não foram totalmente paralizadas (sic).

Os espíritos derrotistas [...] adiantaram-se a prever um irremediável colapso nas atividades de comércio e indústria do país, desde que alguns portos foram fechados aos nossos navios e certas marcas já não podiam ter livre curso sobre os oceanos. [...]

O que tem ocorrido no Brasil, nos últimos tempos, em matéria de organização depõe admiravelmente a favor da nossa força de realizar. Por toda parte surgem novas indústrias e as marcas estrangeiras, algumas das quais deitavam raízes em decênios de domínio no nosso mercado foram rápida e vantajosamente substituídas.⁹

Contudo, o alcance dessas ações era limitado, tanto pela grande gama de produtos que dependiam de importações, quanto pela capacidade de desenvolvimento e autonomia da indústria nacional. Assim, o governo teria que promover outras ações para minorar e resolver os problemas trazidos pela guerra ao abastecimento de produtos variados.

Primeiramente, aumentou-se a defesa costeira no litoral brasileiro. O efetivo das unidades foi incrementado e material bélico moderno, fornecido pelos EUA em uma série de acordos de cooperação militar e econômica, foi distribuído ao longo da

⁹ Revista *O Cruzeiro*, Ano XVI, Nº 16, 12/02/1944, p.11-12. BPEB

costa¹⁰. Mas as ações mais diretas em relação ao comércio marítimo se deram com o patrulhamento do litoral brasileiro, feito pelos aviões da Força Aérea Brasileira (FAB) e pela Marinha de Guerra. Esta juntamente com norte-americano organizaram comboios armados para proteger os navios mercantes, mantendo o mínimo de ligação comercial entre as cidades brasileiras ou entre essas e os países aliados.

Meios alternativos de ligação, mas não menos problemáticos, foram também utilizados nesse comércio. Estradas de ferro seriam ampliadas, em especial a que ligava o Sul ao Norte, além da utilização de rios navegáveis, porém sem se equiparar a capacidade de cargas transportadas por navios mercantes que transitavam pelo Atlântico¹¹. O governo federal chegou a estimular a utilização de rodovias, num momento onde essas não passavam muitas vezes de trilhas de barro¹².

A escassez de vapores para o Rio de Janeiro e o próprio desconforto da viagem, atualmente, estão fazendo com que aumente o número de pessoas que preferem fazer esse trajeto por terra. A muitos parecerá aventura, entrar por esses sertões afora, em demanda de Minas-Gerais, para daí, mais facilmente, chegar-se às avenidas cariocas. Puro engano. Não há riscos, nem peripécias e a prova é que até senhoras, que dantes só viajavam pelo [vapor] “inglês”, estão hoje saindo da Bahia, no seu carro particular, devidamente apetrechado, para galgar as nossas poeirentas estradas de rodagem.¹³

Durava de cinco a seis dias de carro uma viagem para o Rio de Janeiro, enquanto que de vapor o tempo era de três dias¹⁴. “Na Bahia, as rodovias não eram pavimentadas, com exceção dos sete quilômetros iniciais da Bahia-Feira, em concreto. Uma viagem até Feira de Santana, se feita com a imprudente velocidade média de 36 Km/h, durava quatro horas”¹⁵. Porém, já durante a guerra, um comboio de navios levava em média quatro dias no mesmo trajeto, já que as embarcações mais lentas ditavam a velocidade do deslocamento, tendo que ser protegidas pelas escoltas. Porém, mesmo sendo viável a ligação por terra não dava conta do volume de mercadorias necessárias para manter o fluxo comercial normal. Era necessário desenvolver outras ações, especialmente no caso do desabastecimento de combustíveis e alimentos.

¹⁰ MERON, Luciano B. *Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB (1944-1945)*. UFBA, 2009, Dissertação (Mestrado em História Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2009.

¹¹ O *Cruzeiro*, nº 10, Op. Cit.

¹² “[...] Ainda possuímos uma rede (sic) rodoviária, em relação a nossa porção territorial, bastante deficiente e traçada desarticuladamente”. *Jornal A Tarde*, 11 de Abril de 1942.

¹³ *Jornal A Tarde*, 14 de Abril de 1942, p. 2.

¹⁴ Depoimento concedido pelo Sr. Albertos Bastos, 75 anos, que fez uso regular de navios do Lloyd Brasileiro nas décadas de 1940 e 1950. Entrevista realizada em 11/01/2014.

¹⁵ ARAUJO, José G. de. *Bahia 1942: um episódio da 2ª Guerra Mundial*. Salvador: EGBA/IGHB, 1996, p. 3.

A escassez de produtos

A literatura mais tradicional existente sobre os efeitos da II Guerra no Brasil focam especialmente os aspectos políticos, diplomáticos ou mesmo no âmbito do comércio internacional, como apresentado nas obras de Frank McCann¹⁶, Ricardo Seitenfus¹⁷, Stanley Hilton¹⁸ e a coletânea organizada por Osvaldo Coggiola¹⁹.

Pesquisas mais específicas sobre a Força Expedicionária Brasileira (FEB) na campanha da Itália, de forma geral, são mais recentes. Porém, embora as questões relativas à mobilização das tropas, os combates e seus riscos e até mesmo as relações com os inimigos e a população civil apareçam, os aspectos ligados às questões alimentares, pouco são comentados nessas pesquisas. Ainda assim, estes trabalhos que abordaram a experiência de guerra são os que fornecem mais informações relativas a essas questões. Essa nova historiografia da FEB tem como destaque os historiadores César C. Maximiano, Francisco Ferrás, Dennison de Oliveira, Marina Helena C. Silva, Luciana I. dos Santos e Virginia G. Carvalho²⁰. São obras que permitem novas interpretações sobre o Brasil na II Guerra, fazendo grande uso de fontes orais obtidas a partir de entrevistas com veteranos da força expedicionária ou com soldados que serviram no período de guerra, mas que não foram enviados pra Itália. Como muitos desses pesquisadores investigaram as condições de combate e o cotidiano do soldado da FEB no *front* a alimentação aparece em algumas fontes.

Porém, como ressaltado anteriormente, a questão das condições de vida da população brasileira e baiana no período aparecem de forma secundária ou como pano de fundo em algumas dessas obras. O foco é a mobilização das massas no intuito do engajamento político contra o Eixo ou para a formação da FEB. Mesmo assim, essas obras contribuem com dados sobre o período e, especialmente,

¹⁶ MACCANN, Frank. *Aliança Brasil – Estados Unidos – 1937 – 1945*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1995.

¹⁷ SEITENFUS. Op. Cit.

¹⁸ HILTON. Op. Cit.

¹⁹ COGGIOLA, Osvaldo (Org.) *Segunda Guerra Mundial: Um Balanço Histórico*. São Paulo: Xamã / USP, 1995.

²⁰ Para mais informações sobre as obras citadas, ver: MAXIMIANO, César Campiani. *Trincheiras da memória: Brasileiros na campanha da Itália – 1944-1945*. USP, 2004 (Tese de Doutorado). _____ . *A Tarefa Rotineira de Matar*. In: Nossa História. Rio de Janeiro, Ano 2, nº 15, pp 26-29, Jan, 2005. _____ e GONÇALVES, José. *Irmãos de Armas: Um Pelotão da FEB na II Guerra Mundial*. São Paulo: Códex, 2005.; FERRAZ, César A. *A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945 – 2000)*. USP, 2003 (Tese de Doutorado).; OLIVEIRA, Dennison de. *Os soldados alemães de Vargas*. Curitiba: Juruá, 2008.; SILVA, Marina Helena C. Op. Cit.; SANTOS, Luciana I. *Há algo de novo no front: a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. PUC – RS, 2006 (Dissertação de Mestrado).; CARVALHO, Virginia G. *Ex-Combatentes do Brasil: Entre a história e a memória (1945-2009)*. UFPE, 2009 (Dissertação de Mestrado).

metodologicamente ao descrever abordagens e fontes, não só orais, mas, também, documentais e periódicos.

Essa escassez bibliográfica cria grandes dificuldades para quem se debruça sobre o cotidiano alimentar e os efeitos da guerra no Brasil e, mais especificamente, na Bahia. Contudo, a historiadora Consuelo Novais Sampaio, no artigo *A Bahia na II Guerra Mundial*²¹ apresenta um trabalho que vai ao encontro do nosso objeto. Sampaio foca o contexto da Bahia na época da guerra, seguindo uma linha cronológica, começa pelo envolvimento do Brasil no conflito — e como essas notícias circulavam numa sociedade predominantemente rural e analfabeta²² — indo até as comemorações pelo fim da guerra, em 08 de maio de 1945. É ela que atenta para a escassez de alimentos na Bahia:

A escassez de gêneros alimentícios levou o governo a intensificar as importações do Sul do país, o que contribuiu para aumentar o custo de vida, devido à velha dificuldade de transportes, agora agravada pelo péssimo estado das estradas e pelo racionamento da gasolina. Estimou-se que, do início da Guerra até 1944, o índice geral de preços havia subido de 100 para 230; nos Estados Unidos, no mesmo período, a variação havia sido de 100 para 130 e, no Canadá, de 100 para 120. O quilo do feijão, que no Rio de Janeiro custava um cruzeiro e sessenta centavos, era vendido na Bahia a dois cruzeiros e quarenta centavos.²³

As dificuldades na distribuição dos alimentos e mercadorias diversas tinha elevado muito o custo de vida. O risco dos torpedeamentos tinha elevado o frete, que, junto com a alta demanda promoveram o crescimento dos preços. Sampaio ainda chama a atenção para a intensa presença de militares norte-americanos em território nacional, que, com moeda mais forte, acabariam por contribuir para a inflação dos preços dos gêneros alimentícios²⁴ — esse era o principal ponto da cooperação militar com os norte-americanos, a cessão de bases aéreas e navais ao longo do nordeste, que permitissem estabelecer a ligação com tropas aliadas no norte da África e efetivar a campanha antissubmarina²⁵.

Contudo, essa carestia e escassez não aparecem em alguns dos grandes meios de informação do período. Buscando mais dados sobre a dimensão do impacto dessa carestia no dia a dia da população, analisamos a revista *O Cruzeiro*, de grande

²¹ SAMPAIO, Consuelo N. *A Bahia na II Guerra Mundial*. Separata, Revista da Academia de Letras da Bahia, n 40, 1996, pp 135-156.

²² Id. *Ibidem*. p. 136

²³ Id. *Ibidem*. p. 150.

²⁴ Id. *Ibidem*. p. 150.

²⁵ MERON. *Op. Cit.* p. 13-14.

popularidade nos anos de 1940 e 1950²⁶. Como era comum às publicações do período, como o jornal *A Tarde* e a revista *A cigarra*, *O Cruzeiro*, logo em suas primeiras páginas, dava grande enfoque às notícias da guerra, com muitas fotos sobre os diversos *fronts*, além de matérias sobre as mobilizações das Forças Armadas brasileiras e seus exercícios. Porém, as sessões dedicadas ao cotidiano nacional, como moda, lazer, comportamento, entretenimento e culinária, todos voltados para o público feminino, nas edições pesquisadas, não faziam qualquer referência aos impactos da guerra no custo de vida.

Justamente nas receitas indicadas pela revista não encontramos a substituição de ingredientes ou qualquer menção aos altos custos de alimentos como leite, carne e, especialmente, farinha de trigo. Aliás, ingredientes nobres como alcaparras, presunto, carne de primeira, vinho tinto, nozes, frutas cristalizadas, mesmo fora de períodos festivos como Páscoa ou Natal, entre outros, aparecem nas receitas indicadas pela seção “*Pratos que todos pedem*”.

Porém, as razões para a falta de referências à carestia e ao racionamento de produtos podem ser encontradas na postura política da revista, no seu contexto e o público ao qual se destinava. Durante os anos de guerra, o Brasil estava sob o regime ditatorial do Estado Novo (1937-1945), onde os veículos de comunicação eram fiscalizados pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que censurava jornais e revistas que criticavam o governo. *O Cruzeiro* seguia uma linha editorial de conformidade com o quadro político, sendo que foi possível encontrar variadas matérias enaltecendo as ações do governo Vargas²⁷ — muito diferente da postura da revista *Diretrizes*, do mesmo período, que “[...] era um veículo de imprensa influente e primava pela não subserviência aos órgãos que davam apoio à ditadura Vargas”.²⁸

O Cruzeiro era comprada por um público variado, tanto em gênero quanto em faixa etária, dos grandes centros urbanos, especialmente pelo fato de ser intensamente ilustrada e apresentar uma variedade de sessões. Contudo, suas matérias destinavam-se as classes médias e às elites, já que, por exemplo, apresentavam temas como *ballet*, passeios no Guarujá, eletrodomésticos e móveis da “casa do futuro”, além de anúncios de seguro de vida, prêmios literários e bebidas de

²⁶ Na década de 1950, a tiragem da revista semanal chegou a 700 mil exemplares. ABREU, Karen Cristina. K. e BAPTISTA, Íria Catarina Q.. *A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial*. Revista Científica Plural, UNISUL, Tubarão – Santa Catarina, Ed. Nº4, Julho de 2010.

²⁷ Como, por exemplo, na edição de 05/02/1944, na sessão “Asas para a juventude”, ou mesmo em outras matérias que acompanhavam a agenda presidencial, tanto em visitas oficiais ligadas ao esforço de guerra, como na matéria “Motores nacionais para a Marinha do Brasil”, de 22/04/1944, ou de caráter propagandístico, exemplificado pela reportagem “Aniversário do presidente”, também na edição do dia 22/04/44.

²⁸ ABREU e BATISTA. Op. Cit. p. 7.

luxo, como vinho do Porto e *whisky*, isso num contexto onde a Bahia caracterizava-se por uma sociedade predominantemente rural e analfabeta²⁹. Mesmo assim, é possível encontrar em outra seção da revista referências diretas às dificuldades de abastecimento de gêneros e outros produtos básicos.

Era comum haver em muitas revistas e jornais, dos anos de 1930 e 1940, uma sessão dedicada às charges. Nas edições de *O Cruzeiro* pesquisadas quem a assinava era Gabriel Nassara. Seus desenhos faziam constantes troças com as forças nazi-fascistas, mas também criticavam o contexto nacional durante o período de guerra.



Figura 1 – charge de Nassara.

Fonte: *O Cruzeiro*, 15/04/1944, p.22, Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB)

A denúncia das condições de vida era clara. Faltavam produtos básicos, como as carnes, até mesmo ovos, mesmo para um restaurante que, em tese, conseguiria esses insumos de maneira mais fácil que a população em geral. Além disso, os

²⁹ SAMPAIO. Op. Cit. p. 136

alimentos tiveram seus preços inflacionados com o desabastecimento. As charges de Nassara tinha grande destaque na revista, ocupando duas páginas centrais e sendo algumas das poucas coloridas (havia ainda, na sessão de moda, desenhos assim). As dificuldades no abastecimento de alimentos era um dos temas de seus desenhos.

Sabendo que suas charges poderiam ser interpretadas como mal gosto ou talvez mesmo que resultasse em algum tipo de sanção do DIP à revista, o cartunista justifica suas críticas ao quadro de carestias num breve texto, onde selecionamos um trecho de relevância.

[...] Ao falarmos aqui, com os nossos conhecimentos de cavalheiros que já existiram num mundo sem filas nem restrições, de quitutes que poderiam ser feitos ou de cardápios que poderiam ser organizados, pretendemos despertar em cada um o amor pelos dias de ontem. Não se trata, como poderão julgar os maldizentes e os espíritos de porco, de uma dissertação derrotista, mas de uma conversa que repousa num sólido sentimento político. Explicamos: como o mundo amanhã, o mundo que surgirá da derrota do fascismo, promete ser igual ou melhor do que de ontem, os cidadãos que lerem estas páginas poderão aguardar os dias futuros armados da melhor das alegrias, pois que saberão perfeitamente que, após esta guerra, estarão definitivamente livres das torturas das filas e da opressão dos especuladores.³⁰

Nassara era um crítico do nazismo contumaz, porém não deixava de observar os efeitos do desabastecimento em solo nacional.

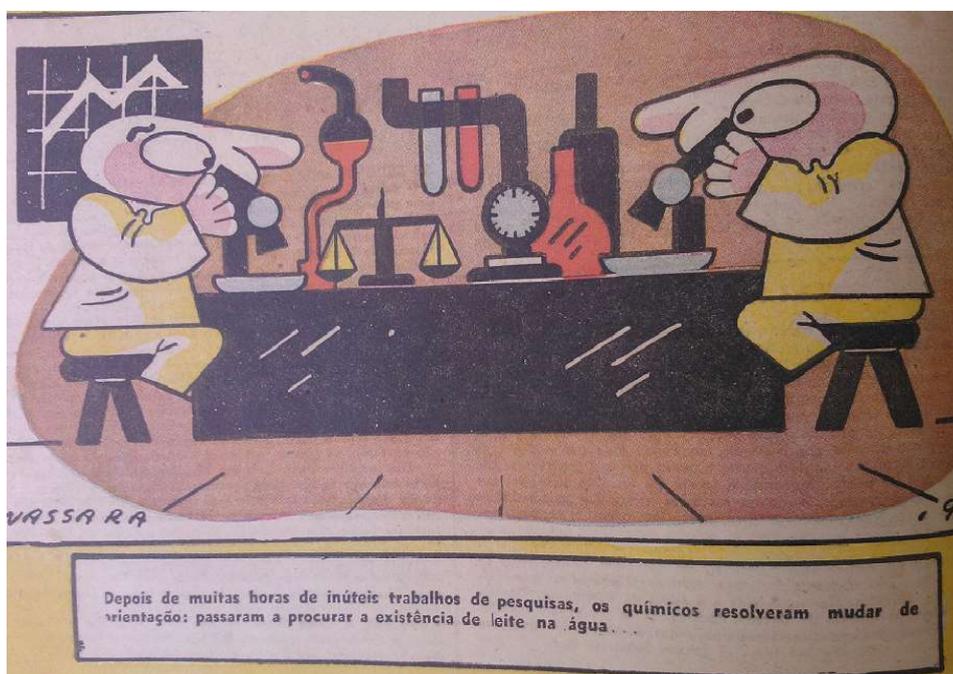


Figura 3 – charge de Nassara.

Fonte: *O Cruzeiro*, 22/04/1944, p.23,BPEB.

³⁰ *O Cruzeiro*, nº 25, p. 23, 15/04/1944. BPEB

Além da carne e da farinha de trigo, um dos produtos que mais foram afetados pelo desabastecimento foi o leite. Nassara denunciava aqui uma prática dos comerciantes para “aumentar a oferta” do produto: adicionar água no produto. Na edição de nº 26, o artista dedica-se a criticar esse tipo de prática danosa ao consumidor nas suas duas páginas de charges na revista *O Cruzeiro*.



Figura 4 – charge de Nassara.

Fonte: *O Cruzeiro*, 22/04/1944, p.23,BPEB.

Podemos encontrar registros da carestia e desabastecimento em outras fontes, dessa vez em meios de alcance muito maior: o cancionero popular. Os impactos da guerra, diretos e indiretos, na sociedade brasileira acabariam por se refletir, também,

em variadas manifestações culturais, como as músicas.³¹ As convocações para as Forças Armadas, os ataques dos submarinos, a oposição entre fascistas e democratas e ainda as filas, a carestia, e o desabastecimento de produtos seriam algumas temas frequentes em sambas, marchinhas, modas de viola e outros estilos populares, que tocavam com frequência nos programas de rádio, mesmo com a fiscalização do DIP.

A farinha de trigo é outro alimento que aparece como afetado pela guerra, contudo, nas fontes consultadas, não é feita menção ao produto. A falta de farinha atingiu a produção e distribuição de pães em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, provocando filas, mercado paralelo e alta de preços³². Embora Sampaio não comente, muito provavelmente Salvador em tempos de guerra tenha passado por problemas similares em relação ao pão.

Porém, os combustíveis talvez tenham sido um dos produtos mais afetados com a guerra, devido a sua grande importância na indústria e nas ações militares. Este produto era alvo imediato de ações estratégicas por parte dos governos envolvidos diretamente no conflito. Dai a grande alta dos preços e seu desabastecimento, gerando longas filas nos postos que existiam na cidade. O historiador Roney Cytynowicz nos fala sobre a condição do desabastecimento de combustível em São Paulo, no ano de 1944, que poderia levar ao completo colapso dos transportes:

A crise (ou o alarme da crise) do desabastecimento de combustíveis atingiu seu auge em outubro de 1944, quando os transportes público e particular da cidade esteve, segundo todas as indicações, à beira de um colapso. Além da falta de combustível, muitos carros de bonde deixaram de circular por falta de peças de reposição.³³

Diante de todo o quadro de carestia e de falta de produtos básicos, o Governo Federal desenvolveria uma série de ações no intuito de minorar os impactos da guerra e mobilizar a população para o novo contexto.

Racionamentos e controle do consumo

A escassez de alimentos durante a guerra nunca se fez de forma incontornável. Ela existia, porém sem provocar fome como nos países onde os combates se desenrolavam, contudo, foi suficiente para encarecer produtos, provocar filas e fazer o governo promover ações no sentido de minorar o quadro de desabastecimento —

³¹ MERON, Luciano B. *E a cobra sambou: A II Guerra Mundial nos sambas*. (artigo apresentado no I Seminário de Estudos Sobre a FEB; UFRJ; 15/06/09).

³² CYTYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: mobilização e cotidiano durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial/ Edusp, 2000.

³³ CYTYNOWICZ. Op. Cit. p. 76.

além de povoar o imaginário da população com uma série de acontecimentos associados a este contexto singular.

Já que os comboios de navios e as ligações por terra não eram suficientes para manter a oferta de alimentos e produtos outros, o governo Vargas desenvolveria ações para que se aumentasse a produção de alimentos e que substituíssem os manufaturados importados. Logo, o racionamento se tornou algo cotidiano e se intensificou ao decorrer da guerra, tomando grandes proporções no ano de 1944. Era necessário normatizar, controlar o consumo. Para tanto, Vargas criaria, em 1942, a Coordenação da Mobilização Econômica:

Encarregada do controle e supervisão de outros órgãos e empresas estatais e privadas, a Coordenação da Mobilização Econômica representou um importante esforço de planejamento integrado que veio corroborar a tendência dominante na época, de intervenção do Estado na economia. Era dividida em vários departamentos - produção industrial, abastecimento, preço e licenciamento de produtos importados - e tinha como principais funções o estímulo à produção agrícola e industrial, o abastecimento do mercado interno, o tabelamento de preços dos produtos alimentícios essenciais, a melhoria no sistema de transportes e o combate à inflação.³⁴

O era subordinado ao presidente, tinha sede no Rio de Janeiro e representações nas principais capitais. Uma de suas primeiras ações foi criar o “pão de guerra”. Este era um pão preparado com trigo de maior aproveitamento do grão, com moagem de 80% a 85%, o que gerava uma farinha mais escura, já que o germe era processado.

No discurso do governo, a instituição do pão de guerra não era medida apenas destinada a sanar uma escassez ligada à guerra. Integrava-se em uma política de melhor alimentação da população, considerando-se que uma população bem nutrida era essencial ao esforço de guerra do *front* interno, segundo as teorias da guerra moderna e a ideologia do Estado Novo.³⁵

Contudo, segundo Cytynowicz, a rejeição ao “pão de guerra” do governo foi muito grande. A população não aceitou a intervenção federal no seu cotidiano alimentar, pelo menos não num alimento de grande simbolismo como o pão. A receita era sabotada nas padarias, com a supressão do fermento ou a massa não era completamente assada, visando com isso comprometer a qualidade final da preparação. Para além do sabor diferente do pão branco, o historiador encontra ainda explicações mais subjetivas à rejeição desse pão de guerra, que era mais escuro.

³⁴<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/OBrasilNaGuerra/MobilizacaoEconomia>

³⁵ CYTYNOWICZ. Op. Cit. p. 55

Pão “preto” e “de pobre” e pão “branco” podem sugerir ainda outros caminhos interpretativos, conforme a pirâmide racial brasileira do antropólogo Roberto Da Matta, para quem o ideal “racial” da sociedade brasileira, segundo suas classes médias e elites, é o branqueamento da população.³⁶

Pode nos parecer estranha certa associação, porém, lembremo-nos que os alimentos e as relações estabelecidas com eles carregam muitas vezes toda uma série de dinâmicas sociais ligadas a poder e preconceitos. Na busca de informações sobre o cotidiano alimentar nacional do período, analisamos receitas impressas em algumas revistas de maior circulação nacional nos anos de guerra, assim nos deparamos com um caso curioso na revista paulista *A Cigarra*. Como a revista *O Cruzeiro*, essa era uma publicação de variedades, focada no foto jornalismo e com sessões de entretenimento, incluindo uma parte voltada ao público feminino, tendo, entre outras atrações, páginas dedicadas a receitas.

Na edição de junho de 1943, de *A Cigarra* são apresentadas seis preparações que não utilizavam farinha de trigo: Biscoito Sinha (a base de araruta), Broinhas de Mandioca, Biscoito de Batata Doce, Bolo de Fubá, Bora de Fubá Mimoso e Sonhos de Fubá³⁷. Em números anteriores e posteriores do mesmo ano a revista não faz menção a falta de alimentos e suas receitas são apresentadas como se o contexto não fosse de carestia e necessidades. Isso não é muito diferente do quadro apresentado pela revista *O Cruzeiro* e as causas provavelmente são similares a do periódico carioca. Porém, um breve comentário aparece após as receitas sem trigo: “As guloseimas acima são de fácil aquisição, pois o fubá de milho é abundante no país. É preciso notar, entretanto, que as quitandas de fubá só são aconselháveis às pessoas dotadas de estômago forte”³⁸. A revista poderia neste momento estar justamente atendendo a pedidos sobre preparações mais populares e baratas ao apresentar alternativas ao trigo ou mesmo atenta a carestia geral de produtos, contudo, mais curioso é a recomendação relativa ao consumo dos quitutes a base de fubá. Estes são recomendados aos “estômagos fortes”. Isso estabelece claramente uma distinção em relação ao consumo desse ingrediente, que pode ser associado a interpretação feita por Cytynowicz a uma hierarquia social do paladar, onde as elites nacionais, de paladar mais “refinado”, não estaria habituada a consumir pão escuro e farinha como

³⁶ Id. Ibidem. p. 58.

³⁷ *A Cigarra*. Ano XXII, nº 111, Junho de 1943, p. 96. Coleção particular do Prof. Asdrúbal Senra.

³⁸ *A Cigarra*. Op. Cit.

a de milho, estas sim destinadas as camadas de trabalhadores braçais, acostumadas a ingredientes mais “grosseiros”³⁹.

Havia outro “pão de guerra”, não oficial, caseiro, feito a partir da massa de macarrão triturada, ao qual eram adicionados ingredientes como leite, ovos, manteiga e fermento. Este tinha uma melhor aceitação e que resistiu no imaginário popular, sendo lembrado em livros de receita dos anos de 1990⁴⁰.

A Coordenação da Mobilização Econômica também instituiria o programa “Hortas da Vitória”, onde a população foi estimulada a ter e seus quintais a produção de hortaliças que ajudassem a minorar os efeitos da carestia e da subnutrição infantil. Muitas escolas aderiram ao programa e passaram a produzir parte de sua merenda escolar. Aliás, a alimentação de qualidade passou a fazer parte do discurso governamental naquele momento, já que a mortalidade infantil e o aumento da produtividade dos trabalhadores passavam fundamentalmente por essa questão⁴¹. Vitaminas passaram a ser importadas com tratamento tributário diferenciado, sendo consideradas remédios e assim beneficiadas de isenção⁴².

O cidadão deveria se conscientizar do seu papel no *home front*, pois ao diminuir o consumo ele contribuía com o esforço nacional em prol dos Aliados que combatiam os nazi-fascistas⁴³. E isso foi massificado em campanhas nos meios de comunicação, tanto impressos quanto no rádio. Exemplo patente disso se deu com os combustíveis. A cia de gás do Rio de Janeiro convocava as donas de casa para participar do esforço de guerra em anúncios onde a exortavam a economizar gás.

³⁹ Isso nos faz pensar numa longa duração da hierarquia dos alimentos segundo as camadas sociais. É possível identificar na cultura ocidental, ainda na Idade Média, essa diferenciação. Montanari, falando da alimentação camponesa na época da dinastia carolíngia (entre os séculos VIII e IX) afirma que “[...] O camponês é considerado um produtor e consumidor de produtos da terra: os cereais, as leguminosas, os legumes são seus alimentos; só o trigo continuará sendo, ainda por muito tempo, um produto de luxo reservado às mesas dos ricos e poderosos”. MONTANARI, Massimo. “Os camponeses, os guerreiros e os sacerdotes: imagem da sociedade e estilos de alimentação”. In: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (Orgs.). *História da alimentação*. São Paulo: Estação liberdade, 1996, p. 296. No mundo árabe, na Baixa Idade Média, Rosenberger observa algo similar dentro da dietética dessa cultura em relação ao pão branco, pois este “[...] é reservado às pessoas abastadas. Ele é adequado, segundo os médicos, aos que desempenham pouca energia física; os trabalhadores podem comer um pão mais grosseiro. A ciência vem justificar as categorias socioeconômicas, considerando-as naturais. Os pobres devem se contentar com um pão escuro em cuja composição entram cevada, sorgo, milhete e outros grãos com os quais se pode fazer farinha [...]”. ROSENBERGER, Bernard. “A cozinha árabe e sua contribuição à cozinha europeia”. In: MONTANARI e FLANDRIN. Op. Cit. p. 342.

⁴⁰ CYTYNOWICK. Op. Cit. p. 52.

⁴¹ ARRUDA, Bertoldo K. G. de e ARRUDA, Ilza k. G. de. Marcos referenciais da trajetória das políticas de alimentação e nutrição no Brasil. In: *Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil*. Recife, Jul/Set., 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v7n3/11.pdf>

⁴² CYTYNOWICZ. Op. Cit. p. 61.

⁴³ Pelos acordos estabelecidos com o governo norte-americano, os produtos nacionais exportados para o consumo ligado a guerra teriam seus preços congelados, contribuindo para o esforço geral das economias beligerantes. BEAUCLAIR, Geraldo e HONORATO, César T. “A economia brasileira durante a Segunda Guerra Mundial”. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). Op. Cit. p. 269.

“Alimentando”...metralhadoras

As armas automáticas que os soldados das Nações Unidas [Aliados] empunham em cada frente de combate são insaciáveis devoradoras de munições....Precisam ser “alimentadas” ininterruptamente para que a Vitória não tarde a ser conquistada. Dentro do seu próprio lar, sem o sentir, a senhora esta “alimentando” também as metralhadoras dos exércitos que lutam pela Liberdade com o simples fato de seguir á risca as instruções oficiais do racionamento de gás. Economizando gás a senhora contribue [sic] eficazmente para o esforço de guerra....porque o gás é feito de carvão e o carvão é matéria prima indispensável às indústrias bélicas. Economizar gás é, acima de tudo, um ato sadio de patriotismo⁴⁴.

Havia uma grande dificuldade em manter o fornecimento de combustíveis, especialmente a gasolina, já que as importações caíram muito com a guerra ⁴⁵.O governo implementaria, já no início de 1942, antes mesmo da declaração de guerra aos países do Eixo, o controle do comércio de gasolina nas grandes metrópoles⁴⁶. O racionamento limitaria muito o consumo de gasolina:

RIO, 13 (A TARDE) — Anuncia-se que a partir do dia 1º de Maio será instituído nesta capital, o regime de cartão de racionamento para a gasolina. Todos os postos da cidade, somente [sic] venderão êsse [sic] combustível, mediante o cartão próprio. Consta que a quantidade racionada será de dez litros diários, aumentada um pouco para os “chauffeurs” de praça e médicos.⁴⁷

É plausível pensar que isso dificultou a distribuição de alimentos em algumas regiões da Bahia, mesmo com todas as limitações no uso de automóveis e a situação das estradas. A alternativa ao racionamento de gasolina foi o gasogênio. Um mecanismo que utilizava carvão vegetal e gerava combustível para os motores através de uma adaptação. Muitos carros particulares passaram a fazer uso desse artifício, contudo, mesmo com ele a utilização dos veículos foi afetada, isso num universo de aproximadamente dois mil carros em Salvador — que contava na época com quatro postos⁴⁸.

Dentro deste contexto, chama-nos a atenção certos produtos, que, embora não tivessem sido afetados pelos racionamentos, incorporaram um discurso belicista em suas propagandas. Eram, por exemplo, alimentos processados e tônicos estimulantes que ligavam suas características, funções ou embalagens ao quadro de guerra e o esforço nacional contra o Eixo. A mistura para bolos *A Patrôa* (sic), da Swift do Brasil, trazia como diferencial o fato de ser comercializada em “caixetas higienicamente protegidas”, que poupavam metal e contribuía assim para o esforço de guerra.

⁴⁴ *O Cruzeiro*, 29/01/1944, contra capa. BPEB

⁴⁵ BEAUCLAIR e HONORATO. Op. Cit. p. 280.

⁴⁶ *A Tarde*, 06/04/1942, p. 2. BPEB

⁴⁷ *A Tarde*, 14/04/42, p. 6. BPEB

⁴⁸ ARAUJO. Op. Cit. p. 1.

Uma das campanhas cívicas que mobilizavam a juventude no período de guerra era a “campanha dos metais”, onde estes seriam recolhidos como doações para contribuir com a indústria bélica nacional — mesmo ainda o Brasil não tendo uma siderúrgica ativa antes do fim da guerra. Jovens estudantes do período se engajaram na coleta desses metais, como foi o caso dos alunos do Ginásio de Alagoinhas, que “ [...] tomaram parte ativa em todas as campanhas patrióticas agitadas na cidade [...]”⁴⁹. A Swift faz uso dessa campanha nacional para conquistar consumidores — campanha está que tinha muito mais o intuito de manter a população engajada num discurso de mobilização, ordenada, ocupada e cooperativa, do que um efeito prático em benefício da produção industrial.

Conclusões

Ao alcançar o Brasil, primeiramente, através do abalo das relações comerciais e políticas com as potências mundiais e, posteriormente, com os ataques dos submarinos do Eixo, a Segunda Guerra Mundial afetou de forma negativa produção, distribuição e comércio de alimentos. A dimensão desses prejuízos variou de região para região, contudo, foi possível perceber nas fontes que o custo de vida cresceu muito ao longo da guerra, inclusive na Bahia.

As dificuldades no abastecimento não foram fruto só dos problemas advindos de uma rede de transporte precária, afetada deveras pelos ataques estrangeiros, mas também da especulação varejista e da falta de controle do Estado sobre os grandes produtores de alimentos e bens. Mesmo com os esforços federais em criar alternativas a escassez e a alta dos preços, o quadro geral prejudicou a população, que teve que se habituar às filas, aos preços altos e aos racionamentos. É importante lembrar aqui que a escassez e carestia de alimentos, mesmo sendo alguns de importância fundamental na nutrição, como leite e carne, não significou em momento algum da guerra, mesmo no auge da campanha submarina do Eixo (entre 1942 e 1943), o risco de fome à população baiana ou de qualquer região do Brasil. Porém, ela foi suficiente para criar transtornos, habitar o imaginário e promover ações governamentais.

A imprensa da época noticiou esses acontecimentos, na maior parte das vezes, sem fazer grandes críticas ou análises das causas internas e das consequências

⁴⁹ BATISTA, Eliana E. Educação e propaganda política nas escolas e na imprensa de Alagoinhas (1937-1945). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH* • São Paulo, julho 2011, p. 11.

desse problema, muito provavelmente temendo censuras e retaliações do DIP. Mesmo assim encontramos informações sobre os danos à população nessas publicações.

As ações governamentais para minorar as consequências da população mostram uma grande preocupação no sentido de um ordenamento da sociedade, no objetivo de engaja-la no esforço de guerra, subordinando-a a uma ideia de ordem imposta pelo Estado Novo. É perceptível ainda, todavia, um trabalho para resolver alguns problemas concretos, como a alta dos preços e a subnutrição de segmentos sociais considerados estratégicos para a nação, como as crianças em idade escolar e os trabalhadores das indústrias.

Como um todo, vemos nas fontes uma absorção generalizada da guerra, em especial nas revistas de foto-jornalismo, que traziam o conflito para o cotidiano das pessoas de uma maneira nunca antes vista ajudada pelo rádio, meio de comunicação mais difundido no período. Além de matérias abordando a cronologia semanal da guerra, revistas como *O Cruzeiro* e *A Cigarra*, eram carregadas de anúncios de produtos que tiravam da guerra argumentos para serem consumidos. Óleo de amendoim *Rubi*, composto para bolos *A Patrôa*, Vinho reconstituente *Silva Araujo*, tônico cerebral *Fosfato de Horsford* eram alguns destes.

Pelo fato de boa parte das fontes consultadas serem de distribuição nacional e produzidas nas cidades do Rio de Janeiro de São Paulo, a Bahia é pouco citada nas manerias. Isso dificultou o aprofundamento da descrição e análise dos impactos da guerra sobre a carestia e os racionamentos no estado. A carência de bibliografia específica também foi um obstáculo. Contudo, isso se torna um incentivo à novas pesquisas, mais profundas, que investiguem mais os periódicos e fontes outras regionais (talvez depoimentos orais).

Referências bibliográficas

ABREU, Karen Cristina. K. e BAPTISTA, Íria Catarina Q.. *A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial*. Revista Científica Plural, UNISUL, Tubarão – Santa Catarina, Ed. N°4, Julho de 2010.

ALBERTI, Verena. “Histórias dentro da História”. IN: PINSKY, Cala B. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARAUJO, José Goes. *Bahia 1942: Um episódio da 2ª Guerra Mundial*. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1996.

ARRUDA, Bertoldo K. G. de e ARRUDA, Ilza k. G. de. Marcos referenciais da trajetória das políticas de alimentação e nutrição no Brasil. In: *Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil*. Recife, Jul/Set., 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v7n3/11.pdf>

BATISTA, Eliana E. Educação e propaganda política nas escolas e na imprensa de Alagoinhas (1937-1945). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH* • São Paulo, julho 2011

CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor e KRAAY, Hendrik (orgs.) *Nova história militar brasileira*. Rio de Janeiro: FGV/Bom Texto, 2004

COGGIOLA, Osvaldo (Org.) *Segunda Guerra Mundial: Um Balanço Histórico*. São Paulo: Xamã / USP, 1995.

CYTYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: mobilização e cotidiano durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial/ Edusp, 2000.

FALCÃO, João. *O Brasil e a 2ª Guerra Mundial: Testemunho e Depoimento de um Soldado Convocado*. Brasília: UNB, 1999.

FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (Orgs.). *História da alimentação*. São Paulo: Estação liberdade, 1996.

MERON, Luciano B. *Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB (1944-1945)*. UFBA, 2009, Dissertação (Mestrado em História Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2009).

_____. *E a cobra sambou: A II Guerra Mundial nos sambas*. (artigo apresentado no I Seminário de Estudos Sobre a FEB; UFRJ; 15/06/09).

PEREIRA, Durval Lourenço. *Operação Brasil: O ataque alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Marina Helena Chaves. *Vivendo com o outro: os alemães na Bahia no período da II Guerra Mundial*. UFBA, 2007. (tese de Doutorado)

SAMPAIO, Consuelo N. *A Bahia na II Guerra Mundial*. Separata, Revista da Academia de Letras da Bahia, n 40, 1996, pp 135-156.

SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler: A história dos afundamentos de navios brasileiros pelos nazistas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil Vai à Guerra: O Processo de Envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Barueri: Manole, 2003.

TAVARES, Luis Henrique Dias. *História da Bahia*. São Paulo: UNESP: Salvador: EDUFBA, 10ª Ed. 2001.